

INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: EDUCAÇÃO, GEOGRAFIA E INTERDISCIPLINARIDADE

Adriana Cristina de ALMEIDA*

Resumo: Os meios de comunicação possuem um lugar de destaque em nosso cotidiano. Colocam as pessoas em contato com acontecimento mundiais e locais, com significativo poder de persuasão e mudança de comportamento, desta forma provocam alterações em nossa cultura, uma vez que esta não é estática, incorpora a todo momento novos hábitos e padrões de consumo ditados pelo Sistema Capitalista. O presente trabalho busca colaborar para a reversão do quadro atual de ensino, principalmente o de Geografia, à medida que adota o trabalho com noticiários televisivos e aqueles veiculados pela imprensa escrita. O papel da comunicação na formação do cidadão tem destaque especial, porque pode contribuir para a abordagem de conteúdos de cunho geográfico e também de outras disciplinas. O paper, apresenta algumas questões sobre a Educação de modo geral, enfocando seus problemas e dilemas, bem como discussões sobre o ensino de Geografia atrelado a mídia, algumas considerações sobre interdisciplinaridade e Parâmetros curriculares nacionais.

Palavras chave: Ensino de Geografia; Educação; Interdisciplinaridade; Mídia.

Introdução

As questões expressas neste paper são resultados das discussões realizadas na disciplina "Ensino e produção do Conhecimento geográfico"¹, cujo conteúdo trabalhado veio ao encontro com nossas expectativas e anseios, possibilitando a vinculação direta com o objeto da pesquisa que desenvolvemos.

A pesquisa a ser desenvolvida tem por objetivo repensar o ensino de Geografia, abarcando assim a temática trabalhada na disciplina, à medida que abordar-se-á a Educação de modo geral, Geografia e discussões sobre didáticas e metodologias necessárias à produção do conhecimento geográfico e à formação qualitativa dos alunos. Assim, os eixos fundamentais de nossa temática de pesquisa são: ensino de Geografia, educação, interdisciplinaridade, mídia. O viés escolhido é mídia, onde a abordagem dos eixos elencados serão relacionados ao meio de comunicação. A proposta consiste em discutir a temática da disciplina atrelada ao projeto que desenvolvo.

Desta forma, procurar-se-á, ao final da pesquisa de mestrado, apresentar uma proposta de ensino-aprendizagem que desenvolva a criticidade através da análise e reflexão sobre o papel da mídia na sala de aula, buscando alternativas para que se possa fazer a passagem do caráter de informação para o de formação de alunos críticos e comprometidos com a sua realidade, que não permitam ser massificados, homogeneizados.

* Mestranda no Curso de Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia- UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

¹ Disciplina ministrada pela professora Dr. Alice Yatiyo Asari, ao curso de Pós-graduação em Geografia-Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental, no 2º semestre de 1998. Faculdade de Ciências e Tecnologia- UNESP- Presidente Prudente.

Assim, estaremos questionando o uso demasiado do livro didático, a importância dada ao conteúdo e o excesso de informações geralmente inúteis.

Diante do desafio de renovar, de avançar rumo a um ensino mais concreto e dinâmico, é preciso voltar nossa atenção para os meios de comunicação, que possuem um lugar de destaque em nosso cotidiano, visto que colocam as pessoas em contato com acontecimentos mundiais e locais, com significativo poder de persuasão e mudança de comportamento. Este fato deve ser entendido como um impulsionador de alterações em nossa cultura, uma vez que esta não é estática; incorpora, a todo momento, novos hábitos e padrões de consumo ditados pelo sistema capitalista. Cabe à escola proporcionar a leitura crítica da comunicação de massa.

O trabalho busca o desenvolvimento de uma Geografia que tenha como objetivo auxiliar na construção de uma sociedade mais justa, que será alcançada à medida que seja estabelecida a cidadania e, para isto, a escola tem papel fundamental se considerar o aluno como um indivíduo crítico, com potencial para atuar na realidade que o cerca.

O conhecimento deve ser construído junto aos alunos, o que evidenciará aos mesmos que este não é estático e sim dinâmico e que eles podem atuar nesta construção, ou seja, entreguem-se a um processo de transformação.

A comunicação, especificamente, as reportagens de jornais e noticiários televisivos, podem levar à formação de alunos críticos através da análise e reflexão sobre este material mesmo na sala de aula, tendo o professor como mediador. O uso de reportagens na sala de aula torna a construção de conhecimento mais motivadora para o aluno, pois ao transportar a realidade para a sala de aula, é permitido ao aluno descobrir que o conhecimento é dinâmico e que ele pode participar do processo de transformação, uma vez que,

"a sala de aula é o lugar onde a interdisciplinaridade² habita (...) que o elemento que diferencia uma sala de aula interdisciplinar de outra não-interdisciplinar é a ordem e o rigor travestidos de uma ordem e de um novo rigor". (Fazenda, 1994, p. 85)

O trabalho interdisciplinar³, com reportagens de jornais e noticiários televisivos, aumenta as probabilidades de se obter sucesso com os alunos, ou seja, torna-se mais atrativo ao mesmo tempo que diversos conteúdos são abordados, conforme afirma Almeida.

"(...) A partir de um tema desta realidade, é possível realizar um trabalho interdisciplinar, pois este agirá como foco gerador, permitindo que os professores ministrem seus conteúdos com um maior rendimento, enriquecendo as aulas, tornando-as mais atrativas, pois leva em consideração o cotidiano do aluno..." (1995, p.635)

²Interdisciplinaridade movimento que surge na Europa (principalmente na França e Itália) em meados da década e 60, segundo Fazenda (1998) no momento das reivindicações estudantis.

³ "O eco das discussões sobre interdisciplinaridade chega ao Brasil ao final da década de 1960 com sérias distorções, próprias daquelas que se aventuraram ao novo sem reflexão, ao modismo sem medir as consequências do mesmo" (Fazenda, 1998, p. 22)

O tema gerador constitui assim uma das formas de interdisciplinaridade de acordo com a literatura consultada.

A Educação, de modo geral, bem como a Geografia, necessita de trabalhos que transportem a realidade para a sala de aula, de conteúdos fundamentais, com real significado para o aluno, contribuindo para um maior interesse. Frente aos problemas que o ensino vem enfrentando, está explícito no ambiente escolar que o mesmo carece de medidas que solucionem seus problemas, como por exemplo o uso de uma didática que incorpore num único processo o ensino-aprendizagem. A indagação: *como fica o ensino de Geografia frente a multiplicidade de informações e imagens veiculadas pela mídia?*, pode ser respondida visto que a televisão ocupa lugar de destaque no cotidiano das pessoas, principalmente dos jovens, sujeito de nossa análise.

Ao trabalhar com reportagens na escola estar-se-á atuando com uma metodologia diferente da usual, pois, embora não seja nova, esta não é muito abordada nas salas de aula, apesar de ser fonte riquíssima, principalmente para a Geografia, uma vez que as reportagens envolvem acontecimentos variados, do local ao mundial. A Geografia trabalha com as relações dos homens entre si e desses com o meio, relações que aparecem frequentemente nos jornais, devendo ser aproveitadas adequadamente pelos alunos e professor. Para Kaercher (1998) a matéria-prima da Geografia encontra-se nos assuntos mundiais, os quais são veiculados pelos meios de comunicação.

Desta forma, trabalhar com a mídia é uma forma de nos posicionar, enquanto indivíduos, frente aos acontecimentos mundiais, pois segundo Bombessi (1997) a interação com as mudanças políticas é importante para resgatarmos o ensino de Geografia na atualidade.

Refletindo a Temática Atual

Educação, Geografia e Interdisciplinaridade

A Educação no Brasil é um dos setores que enfrenta problemas de diversas ordens. Refletindo a situação atual do nosso país, podemos perceber que Educação, tanto quanto a saúde, é um dos primeiros setores a sofrer quando a ordem é diminuir os gastos. O reflexo é instantâneo, a partir do momento que as medidas de contenção são tomadas, a Educação se vê afetada. Pode-se citar o caso dos cortes de bolsas de pesquisa na área de ciência e tecnologia ocorridos no início do ano letivo de 1998, a diminuição das verbas de cinquenta e duas instituições federais de ensino superior no mês de outubro, segundo reportagem da Folha de São Paulo (20/10/98, p. 3), além do anúncio de que a concessão de bolsas e aplicação de recursos para o ano de 1999 serão reduzidos.

Vivemos uma contradição, onde se tem a exigência de profissionais qualificados que concebam a Educação com seriedade. Para a qualificação exigida, o preparo tanto em nível teórico como prático é primordial, entretanto verifica-se que o auxílio em nível governamental é cada vez mais reduzido. Cabe colocar que o apoio que consideramos necessário, não vê o Estado enquanto assistencialista, mas reconhecemos que para a ciência avançar os profissionais necessitam de tempo para pesquisar, necessitando então de recursos para seu trabalho e necessidades básicas.

A responsabilidade do ensino está nas mãos de todos os cidadãos, pois não basta elaborar bons currículos, propostas, construir prédios escolares, é preciso que haja o comprometimento da sociedade, pois não se pode esquecer que a escolarização ainda

constitui um meio de conseguir acesso a condições de **uma vida mais digna**, tanto em nível material como a realização das potencialidades **individuais**.

No tocante à Geografia, esta precisa **mudar sua atitude** para colaborar com nossa sociedade. Assim, os conteúdos devem ser **trabalhados** com outras áreas e disciplinas com o professor fazendo uso de **diversas técnicas** como: elaboração de projetos, reportagens e entrevistas, trabalho de campo, **estudo bibliográfico**, elaboração e interpretação de textos, enfim, deve existir a **interdisciplinaridade**.

O conhecimento a ser alcançado no ensino, **precisa** ser mediado pela realidade vivenciada por professores e alunos, ou seja, **o ensino** deverá ser a *práxis* coletiva dos grupos sociais, o que levará o aluno a perceber que é sujeito da história.

De acordo com a reflexões de Fazenda (1994, p. 94 -5)

"o pressuposto básico para o desenvolvimento da interdisciplinaridade é a comunicação, e a comunicação envolve sobretudo participação. A participação individual (do professor) só será garantida na medida em que o espaço para a "troca" é fundamental".

Severino citado por Pontuschka (1994), coloca que a conceituação de interdisciplinaridade não está pronta, que continua sendo buscada, mas que não foi atingida ainda. Pontuschka alega que para analisar a realidade e o mundo, as ciências precisam deixar de ser parcelares, porque não conseguem alcançar seus objetivos sendo individualizadas. Para esta autora, o termo interdisciplinaridade atua no sentido de diminuir os compartimentos entre os vários ramos do conhecimento, bem como entre as ações pedagógicas.

No trabalho interdisciplinar, deve existir trocas de dados, resultados e metodologias. Antes de qualquer prática pedagógica, o professor precisa ter claro, qual é o seu trabalho e ter seus objetivos definidos. O professor deve adotar a postura interdisciplinar⁴ na sala de aula constantemente. Para Kaercher (1998), o contato com o conteúdo de outras disciplinas é muito importante.

Nota-se que existe uma preocupação por parte dos educadores em transformar a abordagem conteudista, centrada apenas nos conhecimentos referentes à ciência ministrada por cada profissional de acordo com sua formação. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) apresentam esta preocupação e demonstram um avanço significativo, embora sua eficácia ainda não tenha sido comprovada, esperamos que não fique restrita ao campo teórico. Os temas transversais representam um avanço na abordagem dos conteúdos, mesmo que não constituam propriamente um trabalho interdisciplinar, várias temáticas relevantes estarão sendo discutidas por todas as disciplinas, como: *Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação sexual, Pluralidade cultural*, sem constituir objeto de uma única disciplina. No caso da Geografia, esta possui muitas interfaces com outras ciências.

A importância da Geografia na formação dos alunos é salientado nos **PCNs**, em virtude de abarcar as questões sociais tidas como primordiais. É colocado ainda no **PCNs** que a Geografia está extremamente vinculada aos temas transversais, os quais

⁴ "A construção de uma didática interdisciplinar pressupõe antes de mais nada a questão de *perceber-se interdisciplinar*. Na medida em que se pare para observar os aspectos que você já caminhou, fica mais fácil perceber a necessidade de caminhar em aspectos ainda duvidosos, seja no *pensar* seja no *fazer* a didática" (Fazenda, 1998, p.78)

englobam questões emergenciais para a conquista da cidadania, como *questão ambiental, multiculturalidade, relação de trabalho e consumo* dentre outros.

“(...) É importante lembrar que esses temas transversais são emergentes no seu cotidiano e que, além de possibilitar a formação integrada do aluno, poderão garantir o trânsito pela interdisciplinaridade no currículo das escolas. O aluno estará se limitando a uma visão estreita de sua área, mas fazendo dela um momento de valorização de sua personalidade, destacando temas presentes em seu cotidiano, e que a escola e a sala de aula representam lugares de debates e de possibilidade de explicação e compreensão desses assuntos” (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, 1997, p.20)

Cabe colocar que para esta proposta obter êxito, é preciso ser discutida, explicada para os professores, para que estes tenham a segurança necessária para colocá-la em prática. Os PCNs são organizados por eixos temáticos, os quais devem funcionar apenas como parâmetros norteadores, cabendo ao professor esmiuçá-los *“(...) eles representam subsídios teóricos que devem ser entendidos como ponto de partida, e não como ponto de chegada, para o professor trabalhar os conteúdos”* (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, 1997, p.19)

No tocante aos professores de Geografia que procuram formar cidadãos críticos, construtivos, estes tem que levar em consideração que a sociedade produz uma forma de organização que é observável no espaço, onde esta é resultado do trabalho coletivo, é resultado de um dado processo histórico. Isto porque, a Geografia estuda a relação homem- natureza, ou melhor, estuda as ações humanas concretizadas no espaço geográfico. Diante desta afirmação conclui-se que o geógrafo precisa estar atualizado, ou seja, acompanhar os acontecimentos locais, do país e do mundo.

Assim, trabalhar com reportagens na sala de aula é também uma forma do professor acompanhar os acontecimentos, mas, principalmente, de possibilitar aos alunos o entendimento do que está acontecendo na atualidade e sobretudo oferecer a oportunidade de fazer leituras de modo reflexivo, que ultrapassará o caráter de informação para o de formação dos alunos buscando atingir o que coloca Freire (1996, p.29):

“... nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo..”

Ressalta-se que ao utilizar reportagens na sala de aula, o trabalho necessita ser interdisciplinar para que o aproveitamento seja maior e também para que ocorra o diálogo mútuo entre os profissionais da diversas disciplinas na escolha de reportagens a serem trabalhadas e na adoção de metodologias adequadas. Ainda, baseado em Freire, (1996, p.25) consideramos que, *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção.”* Assim, deve-se fazer uma ligação com a criação das possibilidades atreladas às metodologias, ou seja, o professor deve procurar caminhos, maneiras, métodos de ensinar.

Manoel Seabra citado por Pontushka (1994) faz uma alerta para que a Geografia lute contra o desejo de ficar no centro, reconhecendo que a Geografia tem grandes possibilidades de crescer numa proposta interdisciplinar. Assim tentar-se-á trabalhar os conteúdos de Geografia a partir de uso dos meios de comunicação, à medida que for possível, incluindo outras disciplinas como foi discutido anteriormente.

Informação e Comunicação

O papel da indústria cultural

Um número significativo de pessoas tem acesso às informações veiculadas pela televisão (em especial), pelos jornais e revistas, constituindo, para muitos, a única fonte disponível para manter-se informado, entretanto estão sujeitos à manipulação, ao mesmo tempo em que reproduzem os seus estereótipos, conforme salienta Ferreira (1995, p. 53):

“ Como um dos instrumentos poderosos das elites nestes tempos de globalização, a imprensa não apenas produz uma cristalização ideológica da realidade, mas cumpre uma função política, montando uma segunda natureza desta realidade : a função política efetiva do jornal na sociedade de classes não é a de noticiar, divulgar fatos que interessam à classe ou a setores dominantes, mas a de moldá-los, esticá-los e comprimi-los, reproduzir assim a vida pública e privada conforme os parâmetros ideológicos de seus produtores (...)”

As reportagens bem como os noticiários estão imbuídos de ideologia, de elementos que promovem a alienação, que incentivam o consumismo, que distorcem a realidade, provocando falsas imagens, aumentando as desigualdades sociais, pois antes de mais nada a notícia é uma mercadoria e na sociedade capitalista está a serviço da classe dominante, ao mesmo tempo que assegura seu poder.

Tendo consciência de que "(...) a imprensa se estrutura na sociedade capitalista como um espaço privilegiado da burguesia, registram os acontecimentos e difundem informações e opiniões (...)" (Melo, 1986, p.41) os educadores certamente saberão como conduzir seus trabalhos, procurando, ao desenvolver paralelamente a construção dos conhecimentos, estimular a criticidade dos alunos, evitando assim que se tornem cidadãos condenados à marginalidade social e política, à medida que oferecem possibilidades para que venham a ser indivíduos capazes de intervir nas decisões públicas.

Nas entrelinhas de muitas reportagens, existem interesses que não visam uma sociedade mais justa e, sim, legitimar as ações do capitalismo, beneficiando a classe dominante em detrimento das subalternas. Ressalta-se que o público interage com a mídia, existindo autores que a consideram passiva e acritica, outros que alegam o contrário, ou seja, que os telespectadores não são manipulados totalmente, admitindo que existem limites. A pesquisa sobre a influência da TV sobre os telespectadores mostra que há divergências no que se refere a esta questão. Bastos (1988) afirma que o indivíduo não é passivo, que este se fragmenta, se particulariza frente as mensagens, que existe uma capacidade de julgamento, constituindo questões que devem ser aprofundadas.

Guareschi (1998), coloca que mais de 80% do assunto das pessoas é estabelecido pela mídia, promovendo a interação social, determinando comportamentos individuais e sociais, chegando a construir realidades após a veiculação. Guareschi (1998) explica que nesta realidade construída, estão presentes valores, ideologias.

Faz-se necessário ter consciência de que os jornalistas, ao escreverem suas reportagens, projetam visões de mundo, ou seja, "atuam como mediadores entre os acontecimentos, seus protagonistas e os indivíduos que compõem o universo sócio-cultural (público destinatário)" (Melo, 1986, p.39), assim é imprescindível verificar o papel desempenhado pela imprensa e pela televisão, discutir o espaço da produção das idéias. Sendo assim, faz-se necessário colocar algumas discussões sobre a inserção da mídia no ambiente escolar.

A mídia e a escola

"A escola nunca é uma parada. É a estrada aberta para todos os horizontes que se devem conquistar(...)" (Freinet, 1991, p.38).

O ensino, no Brasil, vem passando por grandes dificuldades, que são empecilhos para que a Educação alcance seus objetivos. Há hoje um expressivo fracasso escolar no país, conforme os dados contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Faz-se necessário transformar a escola para que esta volte seus interesses para as classes populares e que forme cidadãos críticos, capazes de atuar na sociedade em que estão inseridos. É necessário tornar a escola o local de apropriação do conhecimento científico, por parte de todos que dela participam.

O "papel" realizado pela escola na atualidade é questionado e passa por alterações; pois antes centrava-se na formação de cidadãos especializados para o mercado de trabalho, distorcendo sua verdadeira razão. A escola volta seus interesses para a qualificação, a qual devemos ficar atentos. Segundo Guimarães (1998, p.34) a qualificação é uma necessidade "*(...) entretanto essa qualificação não pode servir apenas para dirigir o aluno rumo aos novos empregos, pois se assim o for estaremos no limiar de uma educação essencialmente reprodutora*"

As discussões giram em torno de vários aspectos, conteúdos, metodologia, objetos, resultados, avaliações, interdisciplinaridade. Busca-se assim novas práticas, técnicas e encaminhamentos que visam produzir uma nova Geografia, ou seja, aquela que possibilite a interpretação crítica da organização do espaço.

A escola, mediante um trabalho comprometido com a sociedade em que está inserida possibilita o acesso à informação, bem como sua utilização e aplicação. Ressalte-se que ao assumir tal atitude as pessoas não serão apenas receptores que simplesmente digerem as mensagens, pois

"Alterar o panorama implica em educar os novos cidadãos para consumir a informação, especialmente aquela que está disponível nos meios de comunicação de massa. E conseqüentemente, através do domínio da informação, descobrir os direitos básicos da cidadania e lutar pela sua observância". (Melo, 1986, p. 76).

Desse modo cabe à escola proporcionar a leitura crítica das informações transmitidas pelos órgãos de comunicação de massa, mediante uma análise sistemática, à medida que esta difunda valores e conceitos. Entretanto, a análise não deve se restringir

aos aspectos negativos e positivos. Crítica e análise devem acontecer simultaneamente para que haja construção e não apenas uma mobilização, o que ocorre quando se faz crítica pela crítica, sem análise geral.

Leite (1998), chama atenção para o fato de que a televisão não é único fator que interfere na nossa visão de mundo, constitui apenas um deles. Por isso, não se pode desejar transformar a programação da TV numa sala de aula (...) inegavelmente, a TV participa da construção de uma visão de mundo da criança, mas tal construção (desconstrução e recriação) não pode ser apreendida como dissociada do meio social em que se situa a criança Carmona (1998, p. 80)

Os dizeres de Melo (1986), vêm ao encontro às nossas expectativas, pelo fato de reforçar a importância do trabalho com meios de comunicação, alegando que estes atuam como veículos de atualização, inclusive para os educadores e que apesar dos interesses políticos e econômicos que existem nas reportagens, estas são úteis, possibilitando a comparação entre notícias de diferentes fontes, ampliando a visão de mundo conforme o desenvolvimento da criticidade, seguida de análise com a orientação do professor. Os PCNs⁵ ressaltam a importância da mídia

"A televisão, os computadores, permitem que eles (alunos⁶) interajam ao vivo com diferentes lugares do mundo. Os programas de televisão interativos, ao colocar públicos de diferente lugares em transmissão simultânea e instantânea dos fatos, permitem que os alunos "entrem" e "saíam" dos lugares pelo imaginário de forma muito rápida. A Internet cada vez mais facilita que uma parte "significativa" dos alunos "navegue" pelas infovias do computador." (PCN, 1997, p.14)

A escola vive uma realidade dialética quando sofre influências de fora, mas também pode exercê-la, no sentido de transformá-la, ou seja, transforma-se mas pode também transformar. Caso o educador continue a ser mero transmissor de conhecimentos prontos e acabados, possivelmente estreará contribuindo para a formação de cidadãos acomodados a ouvir e a repetir o que ouvem, pois " esse padrão de ensino-aprendizagem, acrítico, a-histórico, apolítico, induz ao mutismo, estimula nas novas gerações a mera reprodução de conteúdos introjetados." (Melo, 1986, p. 70).

É justamente o contrário o que o grupo interdisciplinar buscará, em virtude de ter como objetivo a discussão, a reflexão dos acontecimentos, trabalhando com aspectos da realidade. Concordamos com Kaercher (1998), ao afirmar que estaremos contribuindo para uma sociedade mais crítica, quando mostrarmos aos nossos alunos que a Geografia oferece instrumento útil de leitura de mundo.

Considerações Finais

A Geografia não vive numa inércia; pois promovem-se debates sobre seus paradigmas e sua produção científica; como coloca OLIVEIRA (1984), busca-se novas

⁵Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental- Secretaria da Educação. Ministério da Educação e do Desporto. 1998.

⁶Termo introduzido por nós, para facilitar a compreensão

⁷Grifo nosso, porque não partilhamos da idéia de que uma parte significativa de alunos têm acesso ao computador, principalmente a Internet em nível de Brasil.

soluções técnicas, conceituações e metodologias que objetivam produzir uma só Geografia, que atinja todos os níveis de ensino. A mudança buscada precisa ir à essência dos conteúdos.

A Geografia, como outras ciências não consegue nem na universidade fundamentar suas discussões. Aonde se localiza o problema, em quais momentos erramos? Erramos enquanto professores? Ou erramos enquanto alunos? Ambos erramos por quê? É claro que não temos a resposta, mas a angústia nos aflige, evidenciando que a ciência precisa. Este caminhar precisa ser encarado por todos, para mudar a realidade. No entanto a questão não consiste em erro e acerto, o problema está posto e precisa de soluções, as quais não devem ser postas de “cima para baixo”, mas ser buscadas no dia a dia por cada professor.

O trabalho com jornal, revista, rádio e televisão, enfim, com os meios de comunicação, pode possibilitar aos educandos o acesso às informações, aos acontecimentos da contemporaneidade, pois é necessário conviver com a realidade e com as novas tecnologias dando-lhes uso adequado, com um significado.

É mister colocar que para trabalhar com os veículos de informação, o professor precisa estar inteirado de seu funcionamento para ter condições de fazer uma análise crítica.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Adriana Cristina de. Desenvolvimento de atividades interdisciplinares no 1º grau: uma proposta metodológica. In: **Encontro Anual de Iniciação Científica**, 4, 1995, Maringá. Anais...Maringá: EDUEM,1995, p. 635.
- BASTOS, Laura. **A criança da TV: um desafio para os pais**. Petrópolis: Vozes, 1988, 177 p.
- BOMBESSI. **Propagandas de televisão: um recurso audiovisual no ensino de geografia da 8ª-série**, Londrina: UEL, 1988.
- Brasil Ministério da educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1986.
- CARMONA, Beth. Emissão consciente e recepção crítica. In: PACHECO, Elza Dias (Org.) **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papyrus, 1998. p.65-7
- CNPq aperta critério para concessão de bolsa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, out.1998. Codidiano, p. 3.
- ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A questão da interdisciplinaridade no ensino. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v.9, n.27, p.113, set. 1987.
- FAZENDA, **Práticas interdisciplinares na escola**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994.
- FERREIRA, Berta W. A equipe interdisciplinar na escola: realidade ou utopia? **Boletim Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, v.7, n.15, p.19, jun.1988.
- FERREIRA, Maria Nazareth. A comunicação (des) integração na América Latina: contrastes do neoliberalismo. São Paulo: Edicon, 1995.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do otimismo**. São Paulo: s.n., 1996.
- FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. 3. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GUARESCHI, Pedrinho A. O meio comunicativo e seu conteúdo. In: PACHECO, Elza Dias (Org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papirus, 1998. p.101-5
- GUIMARÃES, Iara Vieira. **Televisão e ensino de geografia: sujeitos, imagens e práticas**. São Paulo, 1998. Dissertação (mestrado) - USP
- KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia-dia. In: Geografia em sala de aula. Porto Alegre: AGB, 1998. p. 13-23
- LEITE, Márcia. TV e realidade: produção social e apropriação pedagógica. In: PACHECO, Elza Dias (Org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p.101-5
- MELO, José Marques de. **Comunicação e libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A Geografia no ensino superior: situação e tendências. **Orientação**, São Paulo, n. 5, p 29-32, 1984
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib (Org.) **Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública**. São Paulo: Loyola, 1993.
- ROSSETTI, Fernando, AVANCINI, Marta. Corte de verbas deixa MEC no vermelho. **Folha de São Paulo**, 20 out. 1998, Cotidiano, p. 3